

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2020



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2020



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loic Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhã (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Kyriakos Savvopoulos (Oxford University), José Manuel Alba (Universidad de Jaén), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Jose López Grande (Universidad Autónoma de Madrid), Matheus Trevizam (Universidade Federal das Minas Gerais), Miguel Ángel Novillo López (Universidad Complutense de Madrid), Mona Haggag (Alexandria University), Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra), Núria Castellano i Solé (Universidad de Murcia), Paulo Sérgio Ferreira (Universidade de Coimbra), Pietro Li Causi (Università degli Studi di Palermo), Rui Carlos Fonseca (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Susana Marques Pereira (Universidade de Coimbra).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2020

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 UNA GENEALOGIA DEL SUJETO DEL DESEO

Foucault y la sexualidad de los Antiguos

A GENEALOGY OF THE SUBJECT OF DESIRE.

Foucault and Sexuality in Antiquity

María Cecilia Colombani

35 LA IMAGEN DE CAYO JULIO CÉSAR EN EL CINE

CAIUS IULIUS CAESAR'S IMAGE IN THE CINEMA

Miguel Ángel Novillo López

53 ESTUDOS

ARTICLES

55 THE LACHISH RELIEFS

The programmatic representation of the king

at war under Sennacherib

OS RELEVOS DE LACHISH

O programa de representação do rei na guerra sob Senaquerib

Violeta d'Aguilar

87 A PRODUÇÃO DO VIDRO NO EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO

À LUZ DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANALÍTICOS

GLASS PRODUCTION IN NEW KINGDOM EGYPT IN LIGHT

OF THE ARCHAEOLOGICAL AND ANALYTICAL DATA

Francisco B. Gomes

121 A IDEIA DE HISTÓRIA SEGUNDO OS ARQUIVOS REAIS DE MARI

THE HISTORICAL CONCEPTION OF THE ROYAL ARCHIVES OF MARI

Maria de Fátima Rosa

- 145 THE ANTHROPOID WOODEN COFFIN OF DIDYME
FROM GRECO-ROMAN EGYPT
O ATAÚDE ANTROPOMÓRFICO DE DIDÍME DO EGIPTO GRECO-ROMANO
Ahmed Derbala e Rogério Sousa
- 175 TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS
Testemunhos de Pausânias e Plutarco
THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS
Testimonies from Pausanias and Plutarch
Maria de Fátima Silva
- 203 ECONOMIC ACTIVITIES CREATING ARCHETYPES
FOR TRADITIONAL ABSTRACT LANGUAGE:
The farmer as the good man in the roman 'Agricola Instructions'
A ATIVIDADE ECONÓMICA COMO FONTE IMAGÉTICA DE LINGUAGEM SIMBÓLICA:
O bom agricultor das instruções agrícolas romanas
Nelson Henrique da Silva Ferreira
- 229 A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO)
NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO
THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO)
IN THE ROMANIZATION PERIOD
Ana Isabel Lino
- 251 SAKURA NO PAÍS DAS MITOLOGIAS:
Storytelling mitológico e reino encantado
SAKURA IN MYTHLAND:
Mythological storytelling and wonderland
Sílvia Catarina Pereira Diogo

271 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 273 THE MORTEXVAR PROJECT
Valuing variability in the ancient Egyptian mortuary texts
Carlos Gracia Zamacona
- 281 MYTH, HISTORY, AND METAPHOR IN THE HEBREW BIBLE
Por Paul K.-K. Cho
José Augusto Ramos

295 UM NOVO OLHAR SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO:
A perspectiva de J. G. Manning

Elisa de Sousa

305 ROMA NOSSO LAR:
Tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)

Ália Rodrigues

313 RECENSÕES

REVIEWS

419 IN MEMORIAM

425 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

El último capítulo, “Greek Myth and psychoanalysis”, de Robert A. Segal, sustituye al que Richard Caldwell había dedicado a este asunto en la primera edición. Segal ofrece un exhaustivo repaso a la interpretación del mito desde diferentes enfoques del psicoanálisis, atendiendo a las discrepancias entre las teorías de Sigmund Freud y Carl Jung y a las contribuciones posteriores de Otto Rank y Joseph Campbell. El A. concluye que el psicoanálisis del mito tendría más que aportar “if classicists smitten with psychoanalysis of any variety were to consider applying to Greek myth not just Freud but contemporary Freudian psychoanalysis” (pp. 445).

El libro incluye unos breves currícula de los diferentes A. y un índice de términos y nombres propios. La segunda edición de *Approaches to Greek Myth* se constituye como un libro de especial interés para profesores de mitología griega y alumnos avanzados de Estudios Clásicos que quieran profundizar en aspectos concretos del mito griego.

Isidro Molina Zorrilla

Universidad de Málaga

LOWELL EDMUNDS (2016), *Stealing Helen: The Myth of the abducted Wife in Comparative Perspective*. Princeton, Princeton University Press, 448 pp. ISBN 9780691165127, (€ 41.60)

Helena de Troia é um ícone da literatura e da mitologia. Esta obra propõe-se a comparar o mito grego de Helena de Troia com outros contos de várias épocas e de várias partes do mundo e cujo tema é o rapto de uma bela esposa. Tal como é explicado no capítulo I da obra, em todos estes contos internacionais, uma bela mulher é raptada, atestando um padrão no qual se insere o mito de Helena. Esta comparação ajuda-nos a melhor compreender o verdadeiro mito da Helena da Grécia Antiga problematizando as suas origens e influências culturais e religiosas. É um estudo comparativo de Literatura que nos elucida sobre a posição de Helena nas fontes antigas e nas diferentes visões dos autores antigos sobre ela. Paralelamente, compreendemos que este e outros mitos, bem como variações dos mesmos, foram agregados através da poesia épica aos acontecimentos reais da guerra de Troia, de forma a embelezarem a memória cultural/colectiva e darem explicação a certas tradições e cultos praticados na época.

Os mitos foram moldados a uma narrativa para melhor se adequarem ao plano mais amplo da Guerra de Troia. Ao analisar os elementos que se repetem nestes contos, o A. chega à conclusão de que, tal como no mito de Helena, o núcleo da questão é o rapto, o tema da perda e da recuperação. O A. não pretende descrever os traços essenciais da emblemática Helena de Tróia, que é o tipo de estudo mais comum. Segundo o autor, Helena não se trata de uma personagem que possui um conjunto limitado de propriedades, que tendem a permanecer de uma história para outra, sendo antes um conjunto de várias narrativas. O A. expõe as três principais hipóteses associadas a Helena (abstracções tornadas reais), suspendendo-as e procurando fugir delas – o autor substituiu-as pelo conjunto possível de diversas Helenas que foram redescobertas ao longo do tempo e do espaço, e que subsistiram em várias partes da Grécia, com várias identidades locais; várias apropriações de Helena em múltiplas imagens diacrónicas; várias “Helenas”.

Inicialmente o A. faz uma distinção entre conto popular e mito, seguida de uma reflexão sobre a natureza literária da *Ilíada*. A coleção de textos exposta no apêndice mostra-nos que o padrão de história-“rpto” é cultural e geograficamente vasto, com exemplos de um conjunto de outros períodos históricos, garantindo uma amostragem que se revela também na sua difusão temporal. Determinar a origem única é impossível tendo em conta que a mobilidade e o forjar de contatos entre povos foi inúmero. Assim, o A. apresenta-nos uma tese em que o tema do sequestro e resgate da bela esposa é um antigo tema épico indo-europeu, anterior aos poemas Homéricos, que foi transmitido pela vasta tradição oral, chegando-nos nesta estrutura narrativa como o protótipo do Mito de Helena que mais tarde é associado à Guerra de Tróia.

O A. defende que no caso do Mito de Helena de Tróia, o “Rpto da Bela Esposa” é o Tipo – tema geral da história, a estrutura maior – e que a sequência de Motivos – detalhes (personagens, objectos ou incidentes específicos) que se repetem e formam o “modelo” – deste Tipo são respectivamente: o nascimento miraculoso (o ovo) de uma criança (Helena) cuja infância mal se conhece (existe apenas o episódio do rpto de Teseu que foi introduzido como motivo independente pois este é o rpto de uma jovem solteira, Páris rapta uma mulher casada); a sua ancestralidade divina (os pais dela são Zeus e Némesis/Leda); a beleza da jovem utilizado como causa do seu rpto (“na aparência Helena é terrivelmente parecida com os deuses imortais”); o rpto dar-se na ausência do marido (Menelau); a superioridade do raptor (Páris príncipe oriental) em relação à do marido (Menelau só tem poder devido ao Juramento dos pretendentes que os obrigava a ir lutar); o raptor ser sobrenatural (Páris assim o é pelo poder que Afrodite lhe confere, o seu par de nomes Páris-Alexandre corrobora esta duplicidade humana e divina); a recuperação da esposa por meio de um estratégia (Cavalo de Tróia); o sucesso da sua libertação; a morte do sequestrador; a imagem de um duplo (*eidolon* ou imagem de Helena que ficou no Egipto); a passividade da esposa enquanto espera a sua libertação (pouco se sabe dos 10 anos em que Helena fica em Troia); e a reunião do marido com a esposa (Helena e Menelau voltam para Esparta, mesmo com dificuldades na viagem, e retomam a vida de casados). Para o A. esta é a história-padrão.

Parece existir um conservadorismo notável da tipologia da história que persiste na forma amplamente elaborada desta narrativa, onde quase forçadamente, o mito grego aplica os motivos de outras histórias. A grande diferença em relação ao Tipo é a cumplicidade da esposa para com o seu raptor, sendo que Helena vai com Páris pacífica e voluntariamente, “enlouquecida” por Afrodite. Helena também tenta impedir a sua recuperação, talvez com medo da ira de Menelau. É no capítulo III que o autor apresenta estas semelhanças e variantes do Tipo, acompanhando todo o mito grego de Helena de Troia, a envolvimento de cada episódio e personagem envolvida directamente com ela é explicada, segundo as versões dos vários A. da antiguidade clássica, apresentando fontes literárias e iconográficas.

Os estudiosos procuraram as origens de Helena fora da narrativa, nos cultos gregos a Helena e nos antepassados indo-europeus. Assim, no capítulo IV o autor analisa os cultos a Helena na Antiguidade, em Esparta, Rodes e Terapne – os três principais locais onde ela foi adorada. Nenhum dos três cultos nos apresenta uma Helena “inicial”, de origem discernível, na qual se encontra a base de todos os textos, uma que não seja apenas uma personagem do domínio literário.

No capítulo II o autor mostra que os irmãos gémeos de Helena, os Dioscuros, terão provavelmente raízes Indo-europeias porque o mito em que eles têm mais protagonismo (resgate

de Helena do rapto de Teseu) advém de uma tradição indo-europeia de rapto da noiva. Talvez originalmente ela fosse o avatar (encarnação de uma divindade imortal) de uma deusa celeste Indo-europeia do sol e da luz, mas esta tese não é consistente. Contudo existe uma outra Helena divina que corresponde a cultos dirigidos a uma deusa da vegetação minóico-mediterrânea, cujo título foi usurpado por Helena. O rapto por Páris teria correspondido a uma ausência temporária da deusa. Uma velha deusa da natureza passou a ser lembrada pela maioria dos gregos como alguém excepcionalmente belo, que foi raptada de Esparta e depois trazida de volta. Em Esparta este culto ganhou especial relevo como ritual de função iniciatória de jovens donzelas *parthenoi* em torno de uma árvore ou por um banho sagrado, na crença de que a imortalidade de Helena era consequência da sua beleza, pois traços divinos e mortais misturavam-se nela. São duas Helenas mitológicas diferentes sob um processo de fusão. Em Helena, a figura feminina Indo-europeia associada aos gémeos foi aparentemente combinada com uma divindade nativa do Egeu. As duas tradições, a de Helena e dos Dioscuros e a de Helena e da Guerra de Troia são de facto separadas. Não há ligação entre a Helena, deusa primitiva, e a Helena da narrativa de Homero. Como nota o autor, é geralmente aceite que Helena deve ter sido uma deusa antes de ser uma heroína mortal. Mas a conexão entre essas duas encarnações é obscura, embora as origens de Helena como deusa sejam indiscutíveis. Na epopeia grega, ela foi completamente humanizada e o seu antigo estatuto divino é virtualmente irrelevante para a nossa apreciação de seu papel em Homero. Assim, não é Helena que tem uma origem indo-europeia, mas sim a história que serve de base – o rapto e recuperação – pela semelhança com tantas outras histórias que parecem de facto ter uma origem comum. Os Indo-europeus trouxeram para a Grécia contos populares, não poesia épica, mas sob a cultura palaciana da Idade de Bronze, assumiram a forma escrita de poesia. Assim, a história básica da Guerra de Troia recebeu o tema do rapto como moldura ideal para a poesia heroica. Portanto, se os poemas Homéricos são sobre uma série de eventos num lugar particular, então questões como o Julgamento de Páris com as três deusas e o rapto de Helena podem ser explicados como enfeites adicionados aos factos. A história básica não seria o sequestro e recuperação da bela esposa, mas o cerco e a captura de uma poderosa cidade.

O capítulo V trata a terceira hipóstase de Helena, a procura da Helena real e verdadeira por detrás da literária. A recepção primária da personagem de Helena começa em Homero, nos Ciclos Épicos e na Lírica Arcaica; a segunda é feita na tragédia grega, em especial em Eurípides, em Heródoto, nos mitógrafos e na prosa de Górgias e Isócrates; a terceira na poesia Helenística e Romana. Na erudição clássica, considerada uma espécie de recepção, a descoberta de novos “eus” de Helena continua. Na imaginação do poeta, esta mulher tem características que constituem uma hipóstase humana de Helena. Para os autores da Antiguidade, Helena era alguém real dos passados tempos heroicos que viveu durante a guerra de Troia e que eles próprios tornaram um desenvolvimento ficcional, ou seja, a realidade tornou-se mito e o mito tornou-se ficção, consoante a perspectiva, objectivo de discurso e idealização de cada um dos autores. Por isso Helena foi personagem épica, ficcional, poética e histórica.

O mito de Helena era conhecido por todos até à Antiguidade Tardia, contudo cada época escolheu a que episódio daria mais destaque. Esta Helena metapoética pode parecer desmentir a lendária Helena que se acreditava ter tido uma existência real numa época anterior, ou seja, ela já era ficcional para os Gregos, mas tal foi consumado na época romana.

A estrutura basilar da obra consiste em, primeiro, apresentar as semelhanças do mito de Helena com o Tipo de Abdução dos contos e, segundo, apresentar e refutar as três ideias equivocadas sobre Helena e todo o encadeamento ideológico do autor decorre nesse sentido. A apresentação de excertos dos contos internacionais é muito útil e bastante exhaustiva, embora tenha sido mais usada do que os excertos de autores Clássicos. Para o estudo de Helena, as fontes artísticas e iconográficas são fundamentais e o autor poderia ter recorrido um pouco mais às mesmas pois elas atestam bem que os pontos de maior interesse no mito de Helena são de facto o seu sequestro e recuperação, precisamente o que o A. defende, sendo isto ainda mais claro na arte do que na poesia arcaica e clássica. O autor fundamenta muitíssimo bem as suas opiniões, suportando as suas ideias numa vasta pesquisa historiográfica e bibliográfica. Revela um enorme conhecimento das fontes clássicas e aprofunda bastante os seus argumentos, problematizando as questões levantadas em várias vertentes. O texto é coerente e interligado entre si. Em suma, o que esta obra traz de novo é uma interdisciplinaridade entre a mitologia grega e a literatura universal através dos estudos comparativos, o que é culturalmente relevante pois a tese defendida pelo A. é uma novidade na área.

Cheila Evaristo

Universidade de Lisboa

CHRISTOS TSAGALIS (2017), *Early Greek Epic Fragments I. Antiquarian and Genealogical Epic* (Trends in Classics, Supplementary Volumes, Volume 47). Berlin/Boston, De Gruyter, 477 pp. ISBN 978-3-11-053153-4 (€ 129.95).

Christos Tsagalis é Professor de Literatura Grega Antiga na *Αριστοτέλειο Πανεπιστήμιο Θεσσαλονίκης* (Universidade Aristóteles de Tessalonica), depois de ter desempenhado funções docentes na Universidade de Atenas e na Universidade de Creta. Autor de oito livros, cinco deles incluem-se nos sempre crescentes estudos homéricos (e.g. *Epic Grief: Personal Laments in Homer's Iliad* (2004), *From Listeners to Viewers: Space in the Iliad* (2012) e *Ομηρικές μελέτες: προφορικότητα διακειμενικότητα, νεοανάλυση* (2016)). Aguarda-se para breve um volume da *Iliada* (livros IX-XII) com edição e tradução de Tsagalis, a sair da editora Fondazione Lorenzo Valla. O interesse do A. na literatura grega arcaica levou-o à edição de três volumes de estudos (*essays*) no âmbito das pesquisas homéricas e hesiódicas (entre eles, *Poetry in Fragments: Studies on the Hesiodic Corpus and its Afterlife*, 2017), bem como à co-edição de doze volumes de estudos (e.g. com F. Montanari e A. Rengakos, *Brill's Companion to Hesiod*, 2009, e com M. Fantuzzi, *The Greek Epic Cycle and its Ancient Reception*, 2015). Tsagalis é *assistant editor* da coleção onde o presente livro foi publicado (*Trends in Classics Supplementary Volumes*) e, em 2019, foi galardoado com o *Research Award* da *Ελληνικό Ίδρυμα Έρευνας & Καινοτομίας* (Fundação Helénica para a Investigação e a Inovação), entre outros prémios que o A. também recebeu.

O presente livro, que oferece uma nova edição, tradução para inglês e comentário de fragmentos épicos gregos, revela o interesse do A. por Homero e pelo *Ciclo Épico*, dada a importância destes textos para a compreensão da poesia homérica, aliás, como o próprio A. indica na pág. 5 do



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA